

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO
DA OBRA DE JOSÉ ARAS

Adriana Gonsalves da Silva Fontes (UNEB)
drykafontes@gmail.com

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)
conceicaoreis@terra.com.br

RESUMO

José Aras (1893–1979), escritor baiano, publicou “Sangue de irmãos: Canudos por dentro”, “No Sertão do Conselheiro” e “Meu folclore”. Sua obra aborda aspectos muito singulares da cultura sertaneja, especialmente aqueles relacionados a cidade de Canudos e aos acontecimentos pertinentes à guerra. A partir das experiências vividas e da escuta de relatos pessoais daqueles que viveram de perto a dinâmica da guerra travada contra Antônio Conselheiro, põe em evidências nuances da cultura e dos *modus vivendi* do homem sertanejo. No presente texto, objetiva-se apresentar algumas considerações sobre a pesquisa em desenvolvimento que pretende estudar um conjunto de textos editos e inéditos do autor e analisar o léxico utilizado para retratar aspectos culturais e sociais da região do semiárido baiano. Acredita-se que, com o estudo pretendido, possa contribuir para a compreensão da cultura e da sociedade que viveu em Canudos e outras cidades integrantes do território de identidade semiárido baiano no início do século XX. Deste modo, o estudo lexicológico é uma forma de se mergulhar na cultura de um povo já que o léxico de uma língua funciona como uma janela através da qual pode-se entrever o mundo circundante, consequentemente, mergulhar no estudo do léxico de uma língua é um caminho para se acessar a história, a cultura, os *modus vivendi* e *operandi* de um povo.

Palavras-chave:

Lexicologia. Crítica textual. José Aras.

ABSTRACT

José Aras (1893–1979), writer from Bahia, Published “Sangue de irmãos: Canudos por dentro”, “No Sertão do Conselheiro” e “Meu folclore”. His work addresses very unique aspects of country culture, especially those related to the city of Canudos, countryside of Bahia, and the events relevant to the War of Canudos. From the lived experiences and listening to personal reports of those who lived closely the dynamics of the war fought against Antônio Conselheiro, highlights nuances of the culture and the *modus vivendi* of the sertanejo man. In the present text, the object is to present some considerations about the research in development that intends to study a set of edited and unpublished texts by the author and analyze the lexicon used to portray cultural and social aspects of the semi-arid region of Bahia. It is believed to be able to contribute to the understanding of the culture and society that lived in Canudos and other cities that were parts of the identity territories of the semi-arid region of Bahia in the early 20th century. Therefore, the lexicological study is a way of delving into the culture of a people and consequently a way to access their history, culture, *modus Vivendi* and *operandi*.

Keywords:

Lexicology. Textual Criticism. José Aras.

1. Introdução

O interesse por enveredar pelo estudo da obra de José Soares Ferreira Aras (1893–1979) brotou do nosso desejo de contribuir para a preservação da memória do povo sertanejo, dando tratamento adequado aos documentos que integram o acervo do autor que se encontram sob a guarda do Departamento de Ciências Humanas e Tecnológicas – DCHT XXII – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Euclides da Cunha – BA e submetê-los ao método do labor filológico. Durante o desenvolvimento da pesquisa, pretende-se, por meio dos saberes da Crítica Textual e da Arquivística, catalogar todo o acervo, propor edições críticas e estudar o léxico.

Acredita-se que, com o estudo pretendido, possa contribuir para a compreensão da cultura e da sociedade que viveu em Canudos e outras cidades integrantes do território de identidade semiárido baiano no início do século XX.

No presente texto, objetiva-se tecer considerações iniciais sobre a pesquisa em desenvolvimento que pretende estudar um conjunto de textos editos e inéditos do escritor baiano José Aras, fundamentados pelos aportes teóricos e metodológicos da Filologia Textual, e analisar o léxico empregado pelo autor para retratar aspectos culturais e sociais da região do semiárido baiano.

Ao estudar a obra de José Aras numa perspectiva histórico-lexical, almeja-se estabelecer suas relações com a história e cultura sertaneja, com isso, investigar a linguagem do início do século XX utilizada no semiárido baiano, precisamente na região de Canudos, dando enfoque às formações lexicais, tendo em vista que através da linguagem se percebe a relação que uma comunidade estabelece com a sua história, cultural e memória.

2. José Aras: homem e obra

José Soares Ferreira Aras, conhecido como José Aras, nasceu, na Fazenda Lagoa da Ilha, localizada na então Vila do Cumbe, em 28 de julho de 1893, ano em que Antônio Conselheiro e seus seguidores chega-

vam a Canudos. Faleceu em 1979. Era neto paterno do capitão José Higinio Lobo e neto materno de João Bento Soares, filho do casal José Raimundo Soares e Joana Maria do Espírito Santo e marido de Maria Benevides Aras.

Praticamente não frequentou a escola. Segundo dados fornecidos por seus familiares, seu contato com a escola foi breve, apenas dois meses e meio, assistindo as aulas de um mestre-escola que vivia na região. Era um autodidata, mesmo com tão pequeno contato com a instrução escolar, enveredou pelo universo da escrita, produzindo diversos cordéis e livros que retratam a cultura local. Ao longo dos seus 85 anos de vida, desempenhou vários papéis sociais, dentre eles, destacam-se, pesquisador, repentista, crítico dos costumes de sua terra, escritor especializado sobre a guerra de Canudos e colecionador de artefatos bélicos referentes à guerra de Canudos e organizou o já extinto Museu da Guerra de Canudos, no povoado de Bendegó. É autor do hino de sua cidade natal.

Segundo Oliveira (2020), além das habilidades com as letras, José Aras “(...) tinha uma habilidade/profissão que o fez peregrinar pelos sertões a dentro: previa com facilidade um veio de água, sua profundidade e a qualidade da água”. Era um profundo conhecedor da natureza local e compartilhava seu saber com os conterrâneos e contemporâneos, tornando-se uma grande personalidade na região, admirado e respeitado por todos.

Sobre seus escritos, pode-se encontrar registro histórico-crítico acerca dos costumes da região e da guerra de Canudos, bem como textos poéticos envoltos pelos ares sertanejos, trazendo à tona as diversas possibilidades de pensar/viver o sertão. Evidente que tais memórias foram recebidas por intermédio do constante contato com os que viveram a destruição de Belo Monte, haja vista ter convivido com remanescentes do massacre, assim como com muitos conselheiristas.

Certamente por ter convivido desde os primeiros anos de vida com a história oral, ouvindo de seus pais relatos do famigerado embate, transformou-se em um dos principais pesquisadores e escritores sobre o tema no sertão do Conselheiro. Dentre as suas principais obras estão “Sangue de Irmãos – Canudos por dentro”, obra basilar para essa pesquisa, e “No sertão do Conselheiro”, esta última com uma compilação de vários textos do autor e publicada postumamente.

De acordo com José Calasans, estudioso da temática Canudos, José Aras foi o primeiro a trazer a lume a voz dos sertanejos, registrando-a

em versos de cordel. Cabe dizer que grande parte dos seus escritos foram coletados em depoimentos de sobreviventes e de descendentes de sobreviventes da guerra, durante suas viagens pelo sertão. Leitor voraz de tudo o que se reportava à guerra, debruçou-se por anos nos estudos da obra seminal do escrito Euclides da Cunha, “Os Sertões”; obra essa que descreve o sertão, sua gente e o líder do movimento messiânico de Belo Monte, Antônio Conselheiro e seu séquito. Aras se difere de Euclides não apenas na maneira simples de descrever o sertão, mas, principalmente, por ser ele um escritor que conheceu a realidade do sertanejo muito de perto, por ser um homem sertanejo. Em suas palavras, diz que “É aí, nesse termo de terra seca, onde se encontra o homem mais resistente do Brasil, mesmo, durante anos, desprovido de qualquer assistência social, mal alimentado e sem instrução (...)” (ARAS, 2009, p. 9). O sertanejo é força e resistência.

Em *Sangue de Irmãos – Canudos por dentro*”, José Aras lança o olhar do pesquisador sobre o fato histórico que marcou as suas memórias quando ainda criança: a Guerra de Canudos. Instigado pela curiosidade, por tudo que leu sobre o tema, e especialmente por tudo o que ouviu e vivenciou entre os seus, apresenta testemunhos de sobreviventes e de seus descendentes sobre a guerra com riqueza de detalhes, revelando um olhar de exímio conhecedor de todas as nuances dos fatos narrados/descritos.

A coletânea de escritos “No sertão do Conselheiro”, importante obra organizada e publicada postumamente por seu filho, Roque Aras, traz vários textos de caráter historiográfico, sempre tematizando eventos ocorridos no sertão do Conselheiro. Há também uma quantidade significativa de poemas que versam sobre o cotidiano e costumes sertanejos, sobre a flora e a fauna sertanejas, além de escritos sobre personalidades que atuaram na trajetória de reconstrução e habitação da região.

Como se afirmou anteriormente, a sua produção literária é vasta. Podemos citar dezenas de livros de poesia e de história, éditos e inéditos. Escreveu “Como descobrir Cacimbas”; “Lampião, terror do Nordeste”; “Um piolho na orelha de um lobo”; “A pedra do Bendegó”; “Máximas poéticas”. Na literatura de cordel, escreveu “Guerra no Sertão de Canudos”, “A vida de João Calêncio”, “A panela da política e a Câmara dos Deputados”, “Uma Páscoa em Monte Santo”, “Meu folclore”, dentre outros textos.

Sua poesia popular ironiza os costumes e os políticos do início do século, canta as belezas e as riquezas da Bahia e do Brasil, as festas populares, as comunidades baianas e reflete a angústia e a alegria do sertanejo.

José Aras era colecionador de materiais bélicos. Essa sua paixão teve início quando trabalhou no Censo na região do conflito, em 1920. Em suas visitas aos remanescentes da Guerra de Canudos, coletava os artefatos utilizados durante os confrontos pelo exército e pelos conselheiristas. Todo material reunido foi organizado em um espaço no vilarejo, criando o Museu Histórico da Guerra de Canudos, hoje extinto. Atualmente, a coleção de armamento, bem como diversos objetos pertencentes a sua coleção particular, encontra-se exposta no Museu João de Regis sob a guarda do *Campus* avançado da UNEB em Canudos.

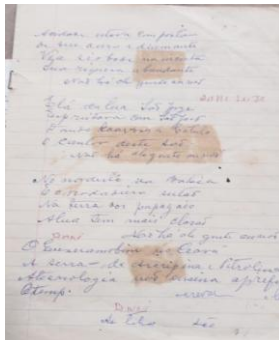
3. *A filologia e o resgate dos textos de José Aras*

Como vimos, o escritor baiano José Aras tem uma produção escrita significativa. Muitos dos seus textos encontram-se inéditos e reclamam o tratamento filológico. No seu acervo temos documentos manuscritos, datiloscritos, cadernetas de notas e registros diversos que poderão revelar aspectos históricos, culturais e linguísticos da época e do lugar e da sociedade em que foram produzidos. Daí a urgência em dar tratamento filológico a tais documentos e propor edições.

Segundo Erich Auerbach (1972, p. 11), “(...) a Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem.” Diz ainda o referido autor que “(...) o termo filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas”. Dentre as atividades desenvolvidas pelo filólogo, destacamos aqui a Edição Crítica de Textos, a Linguística e os Estudos Literários.

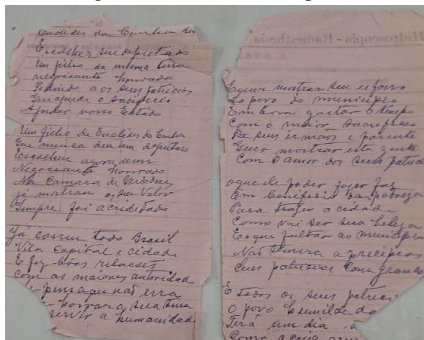
Ainda segundo Erich Auerbach (1972, p. 11), a necessidade de organizar textos surge quando “(...) um povo toma consciência dessa civilização e almeja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio cultural e espiritual”. Seguindo na esteira do que defende Erich Auerbach (1972), resolvemos desenvolver estudos com a obra de José Aras, na senda de darmos nossa contribuição no sentido de proteger a memória escrita e transmiti-la às gerações futuras, propondo

Figura 2: Fólio manuscrito do Caderno de poemas.



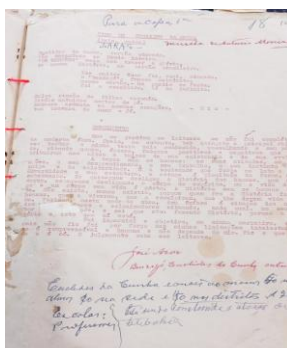
Fonte: acervo do DCHTXXII – UNEB.

Figura 3: Folhas avulsas – poema.



Fonte: acervo do DCHTXXII – UNEB

Figura 4: Dattiloscrito – Hino de Euclides da Cunha.



Fonte: acervo do DCHTXXII – UNEB.

4. *Algumas considerações sobre o léxico da obra de José Aras*

O nosso projeto de pesquisa está inserido na Linha de Pesquisa 2: Linguagens, Discurso e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia. Em função disto, o diálogo entre o labor da crítica textual e as questões linguísticas do texto faz-se se necessária. Para além do trabalho de caráter mais filológico da edição de textos, planejamos estabelecer análises do léxico documentados por José Aras nos textos que serão editados.

É pela palavra que o homem nomeia, cria e transforma o universo que o rodeia. Por meio da linguagem ele troca experiências, fala sobre si mesmo, nomeia seu mundo, reconhece seu passado e constrói sua história. Assim sendo, o estudo do léxico, esse acervo internalizado na mente do indivíduo, torna-se de suma importância, já que, por intermédio dele, pode-se conhecer o processo de desenvolvimento e de transformação de uma língua e, conseqüentemente, de uma sociedade.

Vilalva (2014, p. 23) diz que o léxico é uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua. Seguindo este raciocínio, podemos dizer que, às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em outras sincronias.

Segundo Abbade (2006, p. 214),“(...) língua, história e cultura caminham sempre de mãos dadas.” Destarte, para mergulhar neste universo, uma das melhores formas é enveredando pelo estudo do léxico de uma dada comunidade de língua. Conforme afirma Teixeira (2009), um caminho é tomar o texto de um autor para mapear aspectos da língua do grupo social retratado e, conseqüentemente, desvendar aspectos da história e da cultura e da teia social do povo retratado.

Destarte, acreditamos que a análise dos textos de José Aras, pelo viés dos estudos lexicais, nos revelará muito sobre a época e o lugar onde viveu o escritor baiano José Aras.

Contudo, cabe advertir que existem diversas possibilidades de se estudar o léxico de uma língua. A confecção de dicionários é uma das mais antigas práticas dos estudos lexicais. Tal prática denomina-se de Lexicografia, isto é, área do saber que se dedica ao estudo e à elaboração de dicionários e glossários. Outra perspectiva de estudo chama-se Lexi-

ciência, ou seja, é a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais.

Inicialmente, a nossa intenção é realizar estudo do léxico utilizado pelo escritor objeto de nossa investigação que retratem aspectos da cultura sertaneja, em especial da região de Canudos.

A título de ilustração, apresentamos nos parágrafos abaixo uma pequena amostra do levantamento das lexias que serão analisadas pelo viés lexicológico. Adverte-se que a amostra aqui apresentada foi constituída de uma leitura preliminar da obra “Sangue de irmãos – Canudos por dentro”, de José Aras que nos possibilitou o mapeamento de uma significativa quantidade de palavras referentes à flora do bioma Caatinga. Normalmente, os núcleos familiares desta região recorriam aos elementos da natureza como árvores e pequenos arbustos dos quais retiram as cascas do caule, folha, flores, frutos e raízes para a produção de infusão ou reza para fins medicinais.

As palavras e expressões fazem parte de receitas de chás, beberagens, rezas e simpatias utilizadas pelos sertanejos de Canudos e que se encontram documentados na referida obra de José Aras. Nesta região do estado da Bahia, existia os curandeiros que andavam pela caatinga ou pelos tabuleiros, levando consigo *bogós* e *aiós de fibras*, onde transportavam raízes, folhas, caules, ervas e arbustos, cascas de árvores, que lhes serviam para preparar beberagens e chás, objetivando tratar algumas das seguintes doenças:

Para reumatismo: Banhos de cipó Imbé, cipó de caroa, tomar batata-de-teiú, cinzas de ossos de jumento;

Queimadura: Galco, pulga de batata;

Doença da pele: Pulga de bucha;

Ferida braba e eczema: Banho de barbatimão;

Inflamação do útero: Banho de barbatimão;

Dor de estômago: Chá de catingueira;

Expulsar lombrigas e placentas: Água do casco da burra leiteira, pau de tamanco;

Fraqueza dos velhos: Cipó de resposta;

Feridas: Galco, banho de Janaúba;

Pernas e braços entevados: Casca de pau-santo;

Suspensão das moças: Chás de jarvinha;

Febres: Quina, mil homens;

Menopausa: Raiz de Limoeiro bravo;

Encanar perna ou braço: Cipó de mucunã, raiz de caraibeira;

Úlcera inflamada: Banho de golda de juremeira, pau de colher;

Expelir chumbo de tiro: Golda de Quixabeira, caldo de pinto pisado no pilão;

Escarro de sangue: Sumo mastruço;

Disenteria: Semente de umburana de cheiro cozida, raspa de goiabeira;

Corte inflamado: Casca de Umbuzeiro;

Queimaduras em geral: Visgo de palma mansa, raiz de mandacaru;

Hemorroidas: Sumo de mastruço, água de pulga de batata;

Inflamação nos olhos: Cozido de folha de limão brabo;

Achaques do coração: Maracujá, chá de flor de girassol;

Asma: Xarope de mulungu, mussambê, chá forte de casca de pau-ferro;

Bronquite: Pereira, pau-ferro, purgante de óleo de mamona, banho de erva de Santa Luzia;

Febre da beira do rio: Banho fervendo chá de mil homens. (ARAS, 2009, p. 90-1)

5. *Considerações finais*

Neste texto, pequeno recorte de estudo ainda embrionário, buscamos tecer breves considerações sobre a investigação científica que pretende reunir um conjunto de textos editados e inéditos do escritor baiano José Aras editando-os conforme os aportes teóricos e metodológicos da Filologia Textual, e, na medida do possível, procedendo a análise do léxico empregado pelo autor.

Deste modo, o estudo lexicológico é uma forma de se mergulhar na cultura de um povo já que o léxico de uma língua funciona como uma janela através da qual pode-se entrever o mundo circundante, consequentemente, mergulhar no estudo do léxico de uma língua é um caminho para se acessar a história, a cultura, os *modus vivendi* e *operandi* de um povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Marcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, M. da C.R.; QUEIROZ, R. de C.R. de; SANTOS, R.B. dos (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006 p. 213-25.

ARAS, José [1953]. *Sangue de irmãos*. In: ____; MACEDO, A.N.A. (Orgs). 2. ed. Revisada. Feira de Santana: EMGRAF, 2009.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

OLIVEIRA, Ilza Carla Reis. Defendendo o Conselheiro: a imagem do líder conselheirista erigida nos cordéis do escritor euclidense José Aras. *Revista Canudos*, v. 10, n. 1, p. 40-55, 2020.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Os textos literários e a crítica textual: a importância do labor filológico. In: TEIXEIRA, M. da C.R.; QUEIROZ, R. de C.R. de; SANTOS, R.B. dos (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 95-115

TEIXEIRA, Maria da C. R. Representações dos escravizados: o vocabulário de alguns anúncios publicados em periódicos baianos no século XIX. In: QUEIROZ, R. de C.R. de (Org.). *Língua, cultura e sociedade: estudos sobre o léxico*. Feira de Santana-BA: UEFS, 2009. (CD-ROM)

VILLALVA, Alina. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português* / Alina Villalva, João Paulo Silvestre. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.